

FEIJÓ, Ivan Luiz Chaves. *Tauromaquia e identidade: significados sociais e políticos do toureiro a pé na Espanha do século XVIII*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2019.

La piel que habita España

A Espanha jamais irá se fragmentar porque seu mapa tem a forma de uma pele de touro estendida¹.

Essa ideia aparentemente absurda, presente no imaginário coletivo espanhol, não é uma construção franquista ou uma imagem herdada dos nacionalismos do século XIX. Ela está documentada e se faz presente nesse espaço geográfico desde o século I a.c., quando Estrabão, durante a ocupação romana da Península Ibérica descreveu em seus relatos, que no sul da Espanha, na região por onde passa o rio Guadalquivir, havia abundância de manadas de touros, de onde nasceu a lenda de que Hércules esteve lá para cumprir o seu décimo trabalho, que era capturar os touros de Gerião.

Estrabão é o autor da principal descrição da Península Ibérica entre os antigos. Em sua obra *Geographia*, escrita principalmente para funcionários da burocracia romana que ocupavam cargos administrativos nas fronteiras do império, no livro terceiro, capítulo I, parágrafo 3, Estrabão escreveu:

A ibéria recorda exatamente uma pele de touro, que se estende ao comprimento de oeste para leste, ficando para aqui voltada a parte inferior, e no sentido da largura entre norte e sul.²

Portanto, nossa reflexão traz para o debate acadêmico, a partir de uma extensa bibliografia atualizada³ e farta documentação, a ideia de que o touro representa na Espanha um constructo único, singular e inédito, de um vínculo identitário nacional associado à figura de um animal, atuando como amálgama de um complexo mosaico de

¹ Frase ouvida presencialmente no Bar Gonzalo, na Calle Alemanes em Sevilha, Espanha, no mês de janeiro do ano de 2012.

² Estrabão. *Geographia. Livro terceiro, primeira parte*. Versão de Gabriel Pereira. Évora. 1878. Biblioteca Pública de Évora. Página 2. Estrabão se utiliza do termo *Ibéria* para descrever o que hoje chamamos de Espanha. Quase todas as informações que temos sobre a vida de Estrabão foram retiradas de sua própria obra.

³ Pesquisas produzidas e publicadas a partir dos anos oitenta do século XX, principalmente trabalhos realizados no século XXI pela historiografia taurina.

regionalismos, numa geografia acentuadamente plural, que possui, para além de outras particularidades, quatro línguas diferentes.

Podemos vislumbrar nessa projeção, a possibilidade de estarmos diante de uma afirmação identitária mais efetiva do que a religião ou a política, manifestando-se plenamente nas *corridas de touros*, materialização de uma afinidade eletiva espanhola tornada símbolo nacional no século XIX, após ter sido durante os séculos XVI e XVII uma exclusiva ferramenta de legitimação das prerrogativas de superioridade do estamento da nobreza. Assim, o que era chamado de *Función Real* passou a se chamar *Espetáculo Nacional*.

Esses vínculos identitários associados ao toureio estão presentes na formação de um conceito de Espanha, endossado pela historiografia taurina contemporânea, que se baseia em fontes documentais dos séculos XVII e XVIII. Por exemplo, o crítico taurino e professor titular do departamento de letras da Universidade Complutense de Madri Gonzalo Santonja, defende em suas obras que a tauromaquia é uma característica *constitutiva e não distintiva* da cultura espanhola, ou seja, a prática taurina não é o que diferencia a Espanha de outras nações, mas aquilo que a fundamenta como tal, que a concebe como essência e lhe atribui uma identidade.

Nossa reflexão indica que as touradas a pé profissionais se tornaram um amálgama geográfico cultural no século XVIII, processo que foi articulado pela burguesia, com o apoio da nobreza, que procurou reconquistar o seu espaço simbólico por um processo de *aburguesamento*, no que diz respeito à sua participação comercial e cultural na atividade taurina, que passou a ter como protagonista os trabalhadores urbanos do mercado de carne, oriundos principalmente das províncias espanholas de Sevilla, Cádiz, Huelva, Salamanca, Cáceres e Navarra.

Esse percurso de transferência das projeções simbólicas das touradas cavalheirescas nobres para as touradas a pé profissionais foi o resultado de um longo processo de crise na sociedade espanhola e conseqüentemente de busca de novas alternativas de reiteração social para o toureio.

Pudemos comprovar esse processo em nossa pesquisa, por meio de fontes documentais do século XVIII, onde apresentam-se claros os caminhos das apropriações

identitárias, suas transferências de cabedal simbólico e de que maneira aparecem como processos constitutivos de um sentido de unidade espanhola.

Na Espanha, os estudos sobre bibliografia taurina começaram a ser estruturados no fim do século XIX com o intuito de reunir as principais obras e organizar o conhecimento historiográfico sobre o tema. O primeiro deles foi o de Luis Carmena y Millán, *Bibliografía de la Tauromaquia*⁴ de 1883, que reuniu 342 títulos. Em 1888 ele publicou uma nova obra com o nome de *Tauromaquia. Apuntes bibliográficos*⁵, com 344 novos títulos. Graciano Díaz Arquer publicou em 1931, *Libros y Folletos de Toros. Bibliografía Taurina*⁶, com 2.077 títulos. Antonio Urquijo de Federico imprimiu um *Catálogo de la Biblioteca Taurina de Antonio Urquijo*⁷, com 3.016 títulos, em 1956. A Biblioteca Nacional de Espanha lançou uma coleção em 1973 chamada de Panoramas Bibliográficos da Espanha, na qual um dos volumes tem o título de *La Fiesta Nacional*⁸, reunindo 4.228 títulos de temática taurina⁹.

A partir dos anos oitenta do século XX, por iniciativa de historiadores dedicados à chamada História Moderna e mais precisamente nos últimos dezoito anos, um grupo de acadêmicos espanhóis e hispanistas franceses, conseguiu o objetivo de incorporar a temática taurina às universidades, superando preconceitos que ainda persistem, e elevando o tema à categoria de objeto privilegiado para estudar a história da Espanha. Nossa investigação tem como principal suporte essa recente historiografia.

Ao profissionalizarem academicamente o estudo da tauromaquia e desenvolverem pesquisas nos arquivos municipais espanhóis, historiadores como por exemplo Antonio Garcia-Baquero González, José Campos Cañizares, Guilherme Boto

⁴ Carmena y Millán, Luis. *Bibliografía de la Tauromaquia*. Imprenta de José M. Ducazcal. Madrid. 1883.

⁵ Carmena y Millán, Luis. *Tauromaquia. Apuntes bibliográficos*. Imprenta de José M. Ducazcal. Madrid. 1888.

⁶ Díaz Arquer, Graciano. *Libros y folletos de toros. Bibliografía Taurina*. Administración Librería de Pedro Vindel. Madrid. 1931.

⁷ Urquijo de Federico, Antonio. *Catálogo de la Biblioteca Taurina de Antonio Urquijo*. Imprenta Arges. Madrid. 1956.

⁸ Vários autores, que pertencem a um colegiado editorial. *La Fiesta nacional*. Biblioteca Nacional. Coleção Panoramas Bibliográficos de España. Ensaio de Bibliografía Taurina. 16 apartados. Volúmenes consignados. Madrid. 1973.

⁹ González Troyano, Alberto. *Aproximacion bibliográfica al mundo de la Tauromaquia*. Revista de Estudios Taurinos. Nº 0. Sevilla. 1993. Páginas 193 até 215.

Arnau, Pedro Romero de Solís, Antonio Luis Lopez Martinez, Lourdes Amigo Vázquez, Frédéric Saumade e Adrian Shubert, revelaram a importância que este tema taurino tem como uma ferramenta imprescindível para a compreensão da cultura e da sociedade espanhola, principalmente do século XVI ao século XVIII.

Mesmo na Espanha, antes dos estudos taurinos começarem a se tornar objeto das universidades nas últimas três décadas, a maior parte das publicações alimentavam muitos mitos estabelecidos no imaginário popular, não tinham como enfoque a vida social da Idade Moderna, e se dedicavam preferencialmente ao século XIX e XX. Dificilmente contextualizavam a *corrida de touros* do ponto de vista econômico e político, afastando essa prática dos fenômenos culturais dos seus respectivos períodos e prejudicando a compreensão das touradas e as interpretações do seu processo evolutivo em sua dimensão histórica.

Portanto, foi só a partir de uma historiografia taurina muito bem articulada que se tornou possível fugir de generalizações e invenções nacionalistas e entender os mecanismos que levaram à criação das corridas de touros profissionais, ditas *modernas*, iniciadas no último terço do século XVII, conforme os cavaleiros da nobreza se afastavam do toureio, mas consolidadas definitivamente somente século XVIII com a ascensão do toureio a pé, protagonizado por trabalhadores dos matadouros de Sevilha e Cádiz, para além dos valores estabelecidos pelo antigo regime e abarcando os processos identitários que envolviam os jogos taurinos, desde os seus primórdios.

A origem do toureio a pé possui diversificada documentação a partir do século XI, por meio de relatos de festas, iluminuras, esculturas em madeira, capitéis de igrejas e catedrais, pinturas, desenhos ilustrativos em poemas, onde foram representadas ou descritas as práticas do rito do toureio nupcial, primitivamente popular.

Foi por isso que o filósofo Ortega y Gasset deu ênfase à importância do estudo da tauromaquia para uma melhor leitura da sociedade espanhola, e de certa forma foi pioneiro entre os intelectuais do seu tempo ao centraliza-la como ferramenta para uma

melhor compreensão dos processos de crise que a Espanha atravessou e de fato apresentar possíveis respostas às suas indagações¹⁰.

Corroborando nossa reflexão, relativa às apropriações identitárias contidas nas *corridas de touros*¹¹, encontramos em Ortega y Gasset, principalmente em suas últimas obras, uma argumentação que situa as touradas como uma ferramenta imprescindível à compreensão da história de toda a Península Ibérica¹². Ou seja, o filósofo reitera novamente, em pleno século XX, um vínculo identitário unificador e um sentido de pertença de toda uma nação em torno da prática do toureio, reforçando a lógica de nossa análise, que enfatiza a relevância do constante uso da tauromaquia ao longo da história da Espanha, como uma ferramenta de unificação de um espaço geográfico, em torno de virtudes compartilhadas que amalgamam um povo, para além de suas diferenças regionais.

Por que existem corridas de touros na Espanha? Quando começou essa prática tão particular? Com essas duas perguntas feitas publicamente por Ortega y Gasset em 1948, por ocasião de um curso de doze aulas intitulado *Sobre uma nova interpretação da história. Apresentação e análise da obra de A. Toynbee. A study of History*, o filósofo espanhol inaugurou um novo olhar sobre o tema da tauromaquia e promoveu sua

¹⁰ " ... "E não se esqueça que o espetáculo taurino é somente a face ou presença momentânea de todo um mundo que vive oculto atrás dele e que vai desde as ganaderias onde se criam as reses bravas até aos botequins e as tabernas onde se reúnem as tertúlias de toureiros aficionados". Ortega y Gasset, José. *Sobre a caça e os touros*. Páginas 146. Edições Cotovia. Lisboa. 2009. Ortega y Gasset, José. *Sobre la caza, los toros y el toreo*. Alianza Editorial. 2007. Páginas 138.

¹¹ *Corrida de toros*: sinônimo de *Tourada* e nomenclatura mais usada pelos espanhóis. Adotaremos este termo, na maioria das vezes, quando nos referirmos ao toureio.

¹² (...) afirmo, da maneira mais taxativa, que não se pode compreender bem a história da Espanha desde 1650 até hoje quem não tenha construído com rigoroso método a história das corridas de touros no sentido estrito do termo; não da festa de touros que, mais ou menos vagamente, existiu na península desde há três milênios, mas o que nós atualmente chamamos com esse nome. A história das corridas de touros revela alguns dos segredos mais ocultos da vida nacional espanhola durante quase três séculos. E não se trata de vagas apreciações, mas sim do fato de que, de outro modo não se pode definir com precisão a singular estrutura social de nosso povo durante esses séculos, estrutura social que é, em importantes aspectos, estritamente inversa da ocorrida nas outras grandes nações da Europa. Ortega y Gasset, José. *Sobre a caça e os touros*. Páginas 144. Edições Cotovia. Lisboa. 2009. Ortega y Gasset, José. *Sobre la caza, los toros y el toreo*. Alianza Editorial. 2007. Páginas 136.

gradativa inserção no ambiente acadêmico, chamando atenção para uma realidade complexa, polêmica e reveladora¹³.

Para Ortega y Gasset as corridas de touros são protagonistas da história espanhola desde 1650 até o século XX, e não é possível escrever, estudar ou produzir história da Espanha, em qualquer um de seus aspectos, ignorando essa realidade. As touradas são para ele, a parte exposta e visível de um processo político social, a demonstração materializada das mudanças de paradigmas estruturais na sociedade espanhola, um fenômeno público que começa a se manifestar de forma mais clara no final do século XVII durante o reinado de Carlos II, o último Habsburgo espanhol.

Mas para desvendar a fundamental importância do fenômeno taurino, Ortega y Gasset recomenda o estudo entrelaçado da história social das corridas de touros¹⁴, e finaliza sua argumentação determinado a provar sua tese de que as chamadas touradas modernas são o fenômeno visível e o principal aspecto das mudanças estruturais da sociedade espanhola, principalmente do século XVIII, e que seu conhecimento é a melhor ferramenta para desvendar a cultura e a vida social da Espanha.

Por exemplo, para Ortega y Gasset o desenvolvimento das touradas cavaleirescas durante o reinado de Felipe IV coincide com um processo de retração, refluxo de uma Espanha que na primeira metade do século XVII começa a ensimesmar-se, transformando a Corte de Madri no centro de seu mundo.

Esse processo que Ortega y Gasset acredita estar em estreita conexão com o desenvolvimento das corridas de touros equestres adotada pela nobreza, radicalizou-se, causando um hermetismo inédito no estado monárquico espanhol, que ele chamou de *tibetização de Espanha*¹⁵. Esta Espanha absorta em Madri, tinha para Ortega y Gasset uma *alma coletiva*, consequência desse processo de retração em si mesma, manifestada na adesão plena do estamento da nobreza às touradas cavaleirescas no século XVII¹⁶.

¹³ Ortega y Gasset, José. *Obras Completas. Tomo IX (1933-1948). Una interpretación de la historia universal. En torno a Toynbee*. Revista de Occidente. Madrid. 1965.

¹⁴ Fazendo relações com outros saberes, como a Antropologia, a História Econômica e as Ciências Sociais.

¹⁵ Em referência à vida de isolamento dos monges da região do Tibete. *Ibidem*. Página 133.

¹⁶ *Ibidem*. Página 134.

No século XVIII a questão identitária espanhola teve as touradas como o vínculo agregador de uma sociedade em crise, e a documentação que estudamos ofereceu elementos concretos dessa preocupação identitária. Mas descobrimos posteriormente, ao longo da pesquisa, que essa questão estava presente em toda a história da Espanha, onde os vínculos agregadores do touro foram apropriados por diferentes grupos.

O conceito de identidade tem várias leituras e vários sentidos, mas o uso que damos aqui não é àquele da percepção de *identidade* como um constructo associado à ideia de nação, usada a partir do século XIX na onda da formação dos estados nacionais após o fim do antigo regime¹⁷.

O uso que damos ao conceito de *identidade* é específico do caso espanhol onde o termo é muito usado desde o princípio do século XVIII, um período convulsionado por questões identitárias, principalmente relativas ao reinado de Felipe V e aos procedimentos tomados para a unidade do reino¹⁸, como podemos observar, por exemplo, na obra Teatro Crítico Universal de Benito Jeronimo Feijóo.

Esta preocupação identitária, presente na documentação que analisamos, ocorre devido à instabilidade ocasionada pela mudança da casa real, por causa das novas concepções de mundo trazidas pela ilustração, e ao esforço contínuo do Estado Monárquico na manutenção de sua unidade, muito fragilizada na primeira metade do setecentos.

A questão identitária espanhola não é exclusiva do século XVIII. Sempre foi presente na Espanha essa particularidade de viver nas mais variadas épocas uma angústia identitária constantemente reconfigurada. Portanto, a possibilidade de a figura do touro constituir-se como um amálgama identitário cultural, geográfico e político, oferece para

¹⁷ Detienne, Marcel. *A identidade nacional, um enigma*. Autêntica. São Paulo. 2013. Passim.

¹⁸ Feijóo deve ser enquadrado no marco temporal de mudança dinástica, guerra da sucessão e acirramento das tensões com os catalães e os bascos, ou seja, os graves problemas separatistas regionais. Ele teve o pleno apoio de Felipe V, dando a ele a oportunidade de expor seus critérios sobre formas de expansão do nacionalismo espanhol e o conseqüente aumento da unidade nacional, por meio de um conjunto de estratégias de combate aos regionalismos.

o historiador um novo paradigma de estudo e compreensão, de uma Idade Moderna onde haviam vários discursos rastreando uma ideia de Espanha e de sua *identidade*¹⁹.

O historiador Marcelo Luzzi Traficante, discute abertamente a questão das afirmações identitárias relativas às casas nobres espanholas durante a mudança dinástica, marcada por uma nova configuração das regras de etiqueta, intensas mudanças no cerimonial da corte, no vestuário, na culinária, na arquitetura, no mobiliário, todas questões relativas à construção de uma identidade que representasse a nova realidade do reino²⁰.

O conflito das casas nobres de Castela, de Borgonha e da Casa Real, durante o longo reinado de Felipe V e o curtíssimo reinado de Luis I, são conflitos também de raízes identitárias que se configuram pela tentativa da manutenção de modelos identificadores, que tentam se tornar hegemônicos. Segundo Luzzi Traficante, entendemos a corte como o lugar da alta política do estado monárquico, mas também deveríamos entendê-la como o centro da cultura e das formas de sociabilidade, que articulavam uma linguagem política em torno do cerimonial cortesão²¹.

O protagonismo das touradas cavaleirescas no século XVII e depois do toureio a pé no século XVIII, como elementos unificadores de um sentido de pertença espanhol, aglutinou todos os processos identificadores do passado, relativos ao touro e ao seu poder unificador de uma cultura, primeiro vinculando seu sentido ao estamento da nobreza, e depois transferindo seu cabedal simbólico ao mundo burguês.

O século XVIII é aquele que melhor exemplifica a relação que existe entre tauromaquia e identidade, exatamente porque é um século de crise. Apontamos uma definição de crise, que elucida perfeitamente as circunstâncias sociais de emancipação do toureio a pé profissional. Ela foi dada de forma brilhante pelo historiador István Jancsó,

(...) A crise não aparece à consciência dos homens como modelo em vias de esgotamento, mas como percepção da perda da operacionalidade de formas consagradas

¹⁹ Fernandez Abaladejo, Pablo. *Matéria de España. Cultura política y identidad en la España moderna*. Marcial Pons. Madrid. 2007. Apud. Luzzi Traficante, Marcelo. *La transformación de la Monarquía en el siglo XVIII. Corte y casas reales de Felipe V*. Ediciones Polifemo. Madrid. 2016. Página 14.

²⁰ Ibidem. Parte II, capítulos 4 e 5. Parte III, capítulos 8 e 9. Parte IV, capítulo 10.

²¹ Ibidem. Páginas 30 e 31. Tradução própria.

*de reiteração da vida social. Em outras palavras, é na busca de alternativas que a crise se manifesta, é nela que adquire efetiva vigência*²².

A definição de Jancsó encaixa-se muito bem em nosso contexto, para entender como se deram os processos de perda de operacionalidade do toureio equestre, como prática identificadora de um estamento, e de que forma apresentaram-se as alternativas de representação dos novos vínculos identitários taurinos, com o toureio a pé.

Objetivamente a principal pergunta que moveu nossa reflexão foi averiguar se o *Touro* podia ser considerado um fator identitário unificador de um sentido de Espanha e se ele foi de fato um elemento de identificação anterior e mais consistente do que os fatores religiosos ou políticos. E a partir dessa indagação compreender como possivelmente se deram essas afirmações de identidade e que grupos se beneficiaram destas apropriações.

Sabemos que o conceito de *identidade* se tornou instável no século XX, diante dos aportes conceituais do estruturalismo antropológico, mas apesar disso nos colocamos o desafio de pensar esse conceito no caso espanhol, reconfigurando ou se preferir radicalizando o seu sentido, uma vez temporalizado na dinâmica social do século XVIII. Ousamos imaginar o quão esclarecedora pode ser a constatação, afirmação ou descoberta, de que existe uma unidade construída por meio da figura do touro, uma unidade que não é religiosa e nem política, uma unidade que aglutina os lugares mais remotos e suas respectivas regiões, para uma realidade de pertença coletiva territorializada pela figura do touro, fundada a partir de uma geografia taurina construída ao longo dos séculos de forma a instituir elementos comuns unificadores, construtos realizados por diferentes grupos em específicas temporalidades.

Tomamos aqui emprestado do antropólogo Clifford Geertz uma definição que ele empresta de Max Weber, para definir *cultura*, e aplicamos esta definição ao conceito de *identidade*, colocando o homem como um animal envolvido por uma teia de

²² Jancsó, István. *Na Bahia contra o império*. Hucitec-Edufba. São Paulo-Salvador. 1996. Pagina 203.

significados que ele mesmo teceu e apontando a *identidade* como essa teia, tornada referencial interpretativo à procura de processos unificadores²³.

O historiador István Jancsó, por ocasião de uma conversa que tivemos no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) em outubro de 2009, intuiu que os dois principais conceitos que emergiriam do debate historiográfico, em torno da inoperância do atual modelo de ordem social, seriam aqueles de *Identidade e Liberdade*. De acordo com as reflexões do professor István, essa questão identitária está particularmente problematizada no tempo histórico em que vivemos. Há uma emergência de afirmações identitárias num contexto de globalização absoluta e é possível que a busca de identidades unificadoras seja uma característica desses momentos de crise, de grandes mudanças que se manifestam na busca de alternativas, para que os processos de reiteração social possam fazer sentido e promoverem os avanços necessários para a superação da momentânea ausência de valores referenciais.

É nesse contexto de crise que Ortega y Gasset sita as touradas e reitera sua importância no âmbito cultural do seu tempo. Ele está exatamente procurando criar vínculos identitários, produzir um sentido de unidade para uma Espanha totalmente dividida, após uma terrível guerra civil.

Vale a pena mencionar que as touradas foram provavelmente o primeiro jogo capitalista²⁴, com sofisticada infraestrutura econômica, a se desenvolver na Europa²⁵, expandindo seu mercado às colônias espanholas nas Américas e também ao sul da França, antecipando-se em cem anos aos ingleses na criação de um esporte popular comercial e de abrangência social inédita²⁶. Ou seja, as *corridas de touros* espanholas foram pioneiras

²³ Agier, Michel. *Distúrbios identitários em tempos de globalização*. Revista Mana. Estudos de antropologia Social, vol. 7, nº 2. UFRJ. Rio de Janeiro 2001. Páginas 7 até 33.

²⁴ O mercado taurino possuía uma estrutura econômica complexa, unindo campo e a cidade. Os toureiros eram agrupados num tipo de organização muito semelhante ao que seriam os sindicatos do mundo capitalista contemporâneo, sem os protecionismos muitas vezes subjetivos que eram próprios das antigas corporações de ofício, mas com os resguardos técnicos para o pleno exercício da profissão. Encontramos um detalhamento desse processo de organização em Lopez Martinez, Antonio Luís. *El Mercado Taurino en los inicios de la tauromaquia moderna*. Universidade de Sevilha. Real Maestranza de Caballería de Sevilla. Fundação de Estudos Taurinos. Sevilla. 2013. Capítulo IV. Páginas 209 até 270.

²⁵ Hernández Vázquez, Manuel. *El siglo XVIII y el juego deportivo*. Museo del Juego. Madrid. 2011.

²⁶ Os ingleses criaram um outro esporte de grande público no século XIX, o futebol, que ultrapassará todos os parâmetros esportivos coletivos no século XX.

de um tipo de entretenimento que posteriormente a moderna sociedade de massa consolidará como espetáculo desportivo.

Essa relação entre comércio e espetáculo inicia-se na Espanha de forma pioneira no século XVIII. Visto dessa forma, a festa de touros deixa de ser um desastre nacional e uma lamentável herança do passado, como dizia a ilustração, e se transforma em algo com um significado mais amplo e na vanguarda do ocidente, um produto inédito que se tornará referência mundial, por suas estratégias comerciais e de mercado²⁷.

Este tipo de entretenimento comercial e de grande público, era um fenômeno totalmente novo. Na Inglaterra, com exceção do Teatro Elisabetano, todos os exemplos de entretenimento de massa são do final do século XIX, sendo que a comercialização dos esportes foi um dos principais polos de crescimento da economia inglesa no período vitoriano²⁸. Nos Estados Unidos a era das diversões públicas, incluindo o beisebol e os parques de diversões, só começaram por volta de 1870. O cinema é de 1894.

A corrida de touros espanhola existe como espetáculo público comercial desde o século XVIII, mais de cem anos antes dos entretenimentos de massa na Inglaterra, país que era mais consolidado economicamente. Nesse sentido as touradas profissionais não foram um fenômeno vinculado ao atraso, muito pelo contrário. As corridas de touros se apresentam como um acontecimento, que anuncia o que seria comercialmente o entretenimento no futuro.

Uma grande parte da ilustração era contra as touradas não por motivos éticos, mas porque acreditavam que atrapalhava a economia, não só com relação às atividades do comércio urbano, mas principalmente no que diz respeito à agricultura e à pecuária, pois a criação do touro era muito onerosa economicamente, e o touro precisava de muito espaço para ser criado. O gado de corte para consumo alimentar podia ser mantido em espaços restritos e numa quantidade mais lucrativa. Assim é até os nossos dias.

Concluindo, os documentos que estruturam nossas reflexões, quando tratamos do toureio cavaleiresco, são manuais de equitação taurina, principalmente aqueles do

²⁷ Shubert, Adrian. *A las cinco de la tarde. Una história social del toreo*. Real Maestranza de Caballería de Ronda y Turner Publicaciones. Madrid. 2002.

²⁸ *Ibidem*.

século XVII, todos digitalizados pela Biblioteca Nacional de Espanha (BNE), Biblioteca Digital Taurina de Castilla y León (BDT), Biblioteca Virtual Menéndez Pelayo, Arquivos Digitalizados da Real Biblioteca del Monastério de San Lorenzo de El Escorial e os Fondos Digitalizados da Universidade de Sevilha. A maior parte das informações sobre o toureio cavalheiresco vieram desses tratados taurinos equestres.

Com relação ao toureio varilarguero e ao toureio a pé profissional, são três documentos do século XVIII. São eles: uma carta ensaística publicada em 1777, um tratado taurino manuscrito de 1778, com dois tomos totalizando 945 páginas e uma tauromaquia publicada em 1796. Esses documentos dialogam entre si, sendo que os autores foram contemporâneos e se conheciam pessoalmente. As fontes documentais foram analisadas presencialmente nas respectivas bibliotecas espanholas, nas cidades de Madri, Sevilha e Ronda.



Fontes Documentais

AGUILAR, Pedro de. *Tratado de la Cavallería de la Gineta*. Manuscrito. Sevilla. 1572. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado.

CARTILLA *en que se notan algunas regras de torear a pie, en verso y prosa*. Manuscrito anônimo. Popularmente conhecido como *Cartilla de Osuna*. Sem indicação do ano e da

cidade. Escrito nos últimos anos do século XVII ou primeiros do XVIII. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado e também publicado integralmente por José Maria de Cossío, devido a sua importância, como um apêndice de sua monumental obra *Los Toros*. (18 páginas).

ARGOTE DE MOLINA, Gonzalo. *Livro de la montería que mando escrever el muy alto y muy poderoso Rey Don Afonso de Castilla y León*, ultimo deste nombre. Impreso por Andrea Pescioni. Sevilla. 1582. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado. (47 páginas).

BAÑUELOS Y DE LA CERDA, Luis de. *Libro de la Gineta y descendência de los caballos Guzmanes que por otro nombre se llamam Valençuelas*. Manuscrito. Córdoba. 1605. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado.

_____. *Libro de la Gineta y descendência de los caballos Guzmanes*. Imprenta Estereotipia y Galvanplastia de Aribau y C^a. Madrid. 1877. Edição Fac-símile do manuscrito de 1605. (291 páginas).

BARAGAÑA, Eugenio Garcia. *Noche Phantastica, ideático divertimento que demuestra el método de torear a pie*. Imprenta de Antonio Perez de Soto. Madrid. 1750. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado. (15 páginas).

BONIFAZ, Gaspar. *Reglas del Torear: al Excmo. Sr. Conde Duque, Gran Canciller* Manuscrito. Sem indicação do ano e da cidade. Redação atribuída aos anos entre 1620 e 1623. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado. Reedição limitada. 11 exemplares feita pelo Marques de Laurencin. Madri. 1887.

BORNOS. Conde de. *Reglas de Torear del Conde de Bornos, escritas en nombre de un religioso de Tembleque*. Manuscrito. Madrid. 1600. Biblioteca Nacional de Espanha.

CABRERA, Juan Gaspar Enriquez de. *Reglas para Torear*. Sem indicação da imprensa de edição. Valladolid-Burgos. 1652.

CHACÓN, Fernando. *Tratado de la Cavallería de la Gineta*. Imp. Alvarez. Sevilla. 1551.

CONTRERAS PAMO, Diego de. *Advertencias para Torear al excelentíssimo señor duque de Terranova*. Sem indicação do ano de impressão e cidade. Ano suposto de 1653. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado. (19 páginas).

COBARRUVIAS OROSCO, Sebastian. *Tesoro de la lengua Castellana o Española*. Luis Sanchez impressor del Rey N. S. Madrid. 1611.

DAZA, José. *Precisos manejos y progresos condonados en dos tomos. Del más forzoso peculiar del arte de la agricultura, que lo es del toreo, privativo de los españoles*. [Real Biblioteca (RB): II / 139 140]. Manuscrito. Um único exemplar, em dois volumes, escrito em Manzanilha (Huelva) e Sevilha. Enviado para o Rei Carlos III no ano de 1778 e depositado na Real Biblioteca do Palácio Real de Madrid (também conhecida como Biblioteca del Palácio de Oriente).

_____. *Precisos manejos y progresos del arte del toreo*. Edit. R. Reyes Cano y Pedro Romero de Solís. Universidade de Sevilha. Real Maestranza de Caballería de Sevilla. Fundação de Estudos Taurinos. Sevilla. 1999.

DICCIONARIO de Autoridades (1726-1739). Imprenta de Francisco del Hierro. Impresor de la Real Academia Española. Madrid. Primeira edição de 1716.

DIEZ DE GAMES, Gutierre. *El Vitorial de los quatro príncipes ou Crónica de don Pedro Niño conde de Buelna*. Manuscrito. Madrid. 1436. Biblioteca Nacional de Espanha.

ESTRABÃO. *Geographia. Livro terceiro. Descrição da Península Ibérica. Primeira parte*. Versão de Gabriel Pereira. Évora. 1878. Biblioteca Pública de Évora.

FEIJÓO, Benito Jerónimo. *Teatro Crítico Universal*. Tomo III, 1729 e tomo IV, 1730. Obra completa digitalizada pela Biblioteca Feijoniana da *Fundación Gustavo Bueno*, com sede em Oviedo na região autônoma das Astúrias.

FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Quinquagenas de los Reyes, Duques, Caballeros y personas notables de España*. Manuscrito em 3 volumes. 1555. Biblioteca Nacional de Madrid.

GALVAM DE ANDRADE, Antonio. *Arte da Cavalaria da Gineta e Estardiota, bom primor de ferrar, & alueitaria, dividida em três tratados, que contém vários discursos, & experiências novas desta arte*. Oficina de João da Costa. Lisboa. 1678.

GOYA, Francisco. *Tauromaquia. Álbum com 33 lâminas de Água-forte*. Publicado pelo próprio autor em Madri no ano de 1816.

LOPERRÁEZ CORVALÁN, Juan. *Descripción histórica del Obispado de Osma*. Imprenta Real. Madrid. 1788.

MÉSIA DE LA CERDA, Pedro. *Discurso de la Caballería del torear*. Córdoba. 1653. (Incluído em *Fiestas de Toros y Cañas celebradas en la ciudad de Córdoba el año de 1651: con una advertência para el juego de las cañas, y un discurso de la Caballería de torear*). Reedição de Manuel Perez de Guzman y Boza. Sevilla. 1887. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado. (64 páginas).

MOHEDANO, Fr. Rafael Rodriguez; MOHEDANO, Fr. Pedro Rodriguez. *História Literaria de España*. 3 Volumes. Imprenta de Francisco Xavier Garcia. Madrid. 1770.

MONTES (Paquiro), Francisco. *Tauromaquia Completa, ó sea El Arte de Torear en Plaza: Tanto a pie como a caballo. Va acompañada de un discurso histórico apologético sobre las fiestas de toros, y de una terceira parte em que se proponen las mejoras que deberia sufrir este espectáculo*. Imprenta de Don José Maria Repullés. Madrid. 1836.

MORATIN, Nicolás Fernández. *Carta histórica sobre el origen y progresos de las fiestas de toros en España*. Imprenta de Pantaleon Aznar. Madrid. 1777.

_____. *Carta histórica sobre el origen y progresos de las fiestas de toros en España*. Oficina de Repullés. Madrid. 1801.

MORGADO, Alonso de. *História de Sevilla, en la cual se contienen sus antigüedades, grandezas y cosas memorables en ella acontecidas desde su fundación hasta nuestros tiempos*. Sevilla. Imprenta de Andrea Pescioni y Juan de León. 1587. Três tomos.

PEPE (alias) ILLO, José Delgado. *La Tauromaquia ó Arte de Torear*. Editado por D. Manuel Ximenez Carreño. Cádiz. Primeira edição. 1796.

_____. *La Tauromaquia ó Arte de Torear*. Imprenta de Ortega y Compañía. Madrid. Segunda edición. 1827.

_____. *La Tauromaquia ó Arte de Torear*. Imprenta de Garriga y Aguasvivas. Barcelona. Reimpreso en 1834.

_____. *La Tauromaquia ó Arte de Torear*. Madrid. 1875. Reedición de la Revista *Taurina Palmas y Pitos*. Madrid. 1914.

_____. *La Tauromaquia ó Arte de Torear*. Imprenta y Librería de Eduardo Martinez. Madrid. Quarta edición. 1879.

_____. *La Tauromaquia ó Arte de Torear*. Imprenta de Lorenzo P. Escribano. Madrid. 1894.

PEPE (vulgo) HILLO, José Delgado. *Tauromaquia o Arte de Torear á caballo y á pie*. Imprenta de Veja y Compañía (Reescrito e ampliado). Madrid. 1804.

RODRIGO NOVELI, Nicolás. *Cartilla en que se proponen las Reglas para Torear a Caballo y practicar este Valeroso, Nobre ejercicio, con toda destreza*. Imprenta de A. Rubio. Madrid. 1726. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado. (75 páginas).

RAMIREZ DE HARO, Diego. *El tratado de la brida y jineta y de las cavallerías que en entrambas sillas se hacen y enseñam a los cavallos y de las formas de torear a pie y a cavallo*. Manuscrito. Escrito entre 1540 e 1578. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado.

TERAÇAS, Martin de. *Precintos para aprender á caer*. Manuscrito. Sem indicação do ano. Escrito nos primeiros vinte anos do século XVII. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado.

TORRES VILLARROEL, Diego de. *Reglas para Torear y arte de todas suertes*. 1726. Segunda edição *El Averiguador* Nº 45. Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra. 1873. Biblioteca Digital Taurina de Castilla y León (BDT). (33 páginas).

VALENCIA, Juan de. *Advertencias para torear*. Manuscrito. Madrid. 1639. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado.

VAZQUEZ, Leopoldo; GANDULLO, Luís; LÓPEZ DE SAÁ, Leopoldo; GUERRA (Guerrita), Rafael. *La Tauromaquia. Bajo la dirección técnica del célebre diestro cordobés Rafael Guerra Guerrita*. Editor Mariano Núñez Samper sucesor de Juan Muñoz Sánchez. Madrid. 1895.

VILLASANTE LASSO DE LA VEGA, Jerónimo. *Advertencias para torear con el rejón*. Manuscrito. 1659. Biblioteca Nacional. Editado pelo Marques de Laurencin em edição de 25 exemplares. Oficina tipográfica de Don Ricardo Fé. Madrid. 1888. Biblioteca Nacional de Espanha (BNE). Documento digitalizado. (55 páginas).

ZAPATA, Luis. *Miscelánea*. Manuscrito. Valladolid. 1592. Biblioteca Nacional de España.

Bibliografia específica

ABENAMAR (Santos López-Peigrín). *Filosofía de los Toros*. Boix editor. Madrid. 1842.

AGUILAR PIÑAL, Francisco. *Bibliografía de autores españoles del siglo XVIII. Tomo III. D-F*. Conselho superior de investigações científicas – instituto Miguel de Cervantes. Madrid. 1984.

_____. *História literária de España en el siglo XVIII*. Editorial Trotta. Consejo superior de investigaciones científicas. Madrid. 1996.

ÁLVARES DE MIRANDA, Ángel. *Ritos y juegos del toro*. Biblioteca Nueva. Madrid 1998. Edição original de 1962.

ARTIGAS Y FERRANDO, Miguel. *Biblioteca taurina en la que transcribe um informe inédito de D. Francisco Dionísio Fernández Molinillo, sobre o manuscrito de Daza*. Boletim da Biblioteca Menéndez y Pelayo. Tomo III (pág. 104). 1921. Fundación Ignácio Larramendi.

BASTOS, Rafael José de Menezes (org.). *Dioniso em Santa Catarina. Ensaio sobre a farra do Boi*. UFSC. Florianópolis. 1993.

- BEDOYA, F. G. de. *História del toreo y de las principales ganaderias de España*. Imprenta de Don Anselmo. Sta. Coloma y Compañia Editor. Madrid. 1850.
- BENNASSAR, Bartolomé. *História de la Tauromaquia. Una sociedad del espectáculo*. Editorial Pre-Textos e Real Maestranza de Caballería de Ronda. Valencia. 2000. Tradução de Denise Lavezzi Revel-Chion.
- BERGAMÍN, José. *A arte de birlibirloque; A decadência do analfabetismo*. Tradução Gênese Andrade. Fundação Bienal / Hedra. São Paulo. 2012.
- BOTO ARNAU, Guilherme. *Cádiz, origen del toreo a pie (1661-1858)*. Unión de Bibliófilos Taurinos. Madrid. 2001.
- CAMBRIA, Rosário. *Los toros: tema polémico en el ensayo español del siglo XX*. Edit. Gredos. Madrid. 1975.
- CAMPO, Luis del. *Pamplona y toros. Siglo XVII*. Pamplona. Gráficas Navasal. 1975.
- _____. *Pamplona y toros. Siglo XVIII*. Pamplona. La Acción Social. 1972.
- CAÑIZARES, José Campos. *El toreo caballeresco en la época de Felipe IV: técnicas y significado sociocultural*. Editado por la Fundación Real Maestranza de Caballería de Sevilla, Universidad de Sevilla y Fundación de Estudios Taurinos. Sevilha. 2008.
- CARMENA Y MILLÁN, Luis. *Catálogo de la Biblioteca Taurina de Luis Carmena y Millán [PA 2/671]*. Oficina Tipográfica Ducazcal. Madrid. 1903.
- _____. *Bibliografía de la Tauromaquia*. Imprenta de José M. Ducazcal. Madrid. 1883.
- _____. *Tauromaquia. Apuntes bibliográficos*. Imprenta de José M. Ducazcal. Madrid. 1888.
- CARO BAROJA, Julio. *Ritos y Mitos Equívocos*. Ediciones Istmo. Madrid. 1989.
- CARRETE PARRONDO, Juan. *Vicisitudes de algunas láminas grabadas por Francisco de Goya: los Desastres de la guerra, los Disparates y la Tauromaquia*. Fundación Lázaro Galdiano. Madrid. 1979.
- CASAS GASPAR, Enrique. *Ritos agrários. Folklore campesino español*. Editorial Escelicer. Madrid. 1950.
- CATÁLOGO de la Exposición. *El arte en la Tauromaquia*. Blass y Cia. Imprenta San Mateo. Madrid. 1918.

- CHAVES, Manuel. Pepe-Ilo. Resuche Impresor. Sevilla. 1894.
- COBALEDA, Mariate. *El simbolismo del toro. La lidia como cultura y espejo de humanidad*. Biblioteca Nueva. Madrid. 2002.
- CONRAD, Jack Randolph. *El cuerno y la espada*. Fundación Real Maestranza de Caballería de Sevilla, Fundación de Estudios Taurinos y Universidad de Sevilla. 2010. Traducion de Rafael Mazarrasa.
- COSSIO, José Maria de. *Los toros. Tratado Técnico e histórico*. Volumes 4, 5 e 8. Edit. Espasa Calpe. Madrid. 2007.
- _____. *Los toros en la poesia*. Editorial Espasa-Calpe. Madrid. 1959
- DIEZ DE GAMES, Gutierre. *El Victorial*. Edição de Rafael Bertrán Llavador. Universidad de Salamanca. Salamanca. 1997.
- DELGADO LINACERO, Cristina. *El toro en el Mediterrâneo. Análisis de sua presencia y significado en las grandes culturas del mundo antigo*. Simancas ediciones. Valladolid. 1996.
- DELGADO RUIZ, Manuel. *De la muerte de un dios. La fiesta de los toros en el universo simbólico de la cultura popular*. Edit. Península. Barcelona. 2014.
- DÍAZ ARQUER, Graciano. *Libros y folletos de toros*. Administración Librería de Pedro Vindel. Madrid. 1931.
- DÍEZ BORQUE, José Maria. *Los espetáculos del teatro y de la fiesta en el siglo de oro espanhol*. Edit. Labirinto. Madrid. 2002.
- _____. *Teatro y Fiesta en el barroco. España e Iberoamérica*. Ediciones del Serbal. Barcelona. 1986.
- EGUÍLAZ YÁNGUAS, Leopoldo de. *Resenha histórica de la conquista del reino de granada por los reyes católicos según los cronistas árabes*. Tipografia Hospital de Santa Ana. Granada. 1894.
- ESPINOSA, Manuel Serrano. *Taurokathapsia y Juegos del toro desde sus orígenes hasta la epoca imperial Romana*. Tesis doctoral dirigida por Prof. Dr. José Maria Blazquez Martinez. Universidad Complutense de Madrid. Madrid. 1996.
- ESPINOSA Y QUESADA. (Segundos sobrenomes de Don Manuel Remón Zarco del Valle y Espinosa de los Monteros y Juan Gualberto López-Valdemoro de Quesada, Conde

de las Navas). *Don José Daza y su arte del toreo*, in *Cosas de España*, pg. 69 até pg. 84. Imprenta E. Rasco. Sevilla. 1892. Os sete artigos que compõem esta obra foram publicados originalmente nos suplementos literários dos jornais *El Dia* e *La correspondência de España*. Na publicação do livro os artigos foram revistos e aumentados.

ESTÉBANEZ CALDERÓN, Serafín. (Org.) *El Arte en la Tauromaquia. Catálogo de la Exposición*. Imprenta Blass y Cia. Madrid. 1918.

FERNANDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Las Quinquagenas de la nobleza de España*. Tomo I. Publicação da Real Academia de la História. Imprenta y fundición de Manuel Tello. 1880.

FLORES ARROYUELLO, Francisco J. *Del toro en la antigüedad: animal de culto, sacrificio, caza e fiesta*. Biblioteca Nueva. Madrid. 2000.

GARCIA-BAQUERO GONZÁLEZ, Antonio; ROMERO DE SOLIS, Pedro; VAZQUEZ PARLADE, Ignacio. *Sevilla y la fiesta de toros*. Servicio de Publicaciones del Ayuntamiento de Sevilla. Biblioteca de Temas Sevillanos. Sevilla. 1994.

GARCIA-BAQUERO GONZÁLEZ, Antonio; ROMERO DE SOLIS, Pedro. (Org.) *Fiestas de Toros y Sociedad*. Edit. Universidad de Sevilla. Sevilla. 2003.

GARCIA-BAQUERO GONZÁLEZ, Antonio. *Razón de la Tauromaquia. Obra taurina completa*. Coordenação de Victoria O’Kean. Universidad de Sevilla. Fundación de estudios Taurinos. Sevilla. 2008.

GARGANTILLA RODRÍGUEZ, Anastácio. *Diccionario taurino*. M.E. Madrid. 1995.

GOMEZ PIN, Victor. *La escuela más sobria de vida: Tauromaquia como exigência ética*. Edit. Escapa Calpe. Madrid. 2002.

GOMÉZ QUINTANA, Isidro. *Apuntes Históricos acerca de La Fiesta de Toros en España*. Tomo I. Imprenta La Verdad, Librería 18. Córdoba. 1897.

GUICHOT, Joaquim. *História de la ciudad de Sevilla y pueblos importantes de su provincia desde los tiempos mas remotos hasta nuestros dias*. Imprenta de Gironés y Orduña. Sevilla. 1875.

GUILLAUME-ALONSO, Araceli. *La tauromaquia y su génesis. Ritos, juegos y espectáculos taurinos en España durante los siglos XVI y XVII*. Edit. Laga. Bilbao. 1994.

- HUGHES, Robert. *Goya*. Companhia das letras. São Paulo. 2007.
- HURTADO PÉREZ, Publio. *Supersticiones extremeñas: anotaciones psico-fisiológicas*. Editorial Alfonso Artero Hurtado. Cáceres. 1989. Edição original de 1902.
- JOHNSTON, Walter. *Introducción a la tauromaquia*. Edit. Alianza. Madrid. 2001.
- JOVELLANOS, Gaspar Melchor de. *Memórias sobre las diversiones públicas*. Edit. Aguillar. Madrid. 1994.
- _____. *De Jovellanos a José de Vargas Ponce in Obras Completas*. (Org.) CASO GONZALEZ, José Miguel. Edição do Instituto Feijoo de Estudios del siglo XVIII y Ayuntamiento de Gijón. Gijón. 2010.
- _____. *Espectáculos y diversiones públicas. Informe sobre la Ley Agraria*. Edição organizada por José Lage. Editora Cátedra. 1982.
- _____. *Informe dado a la Real Academia de la História sobre Juegos, Espectáculos y Diversiones Públicas*. Imp. Patriótica. 1813.
- JOVELLANOS, Gaspar Melchor de; ARROYAL, León de. *Pan y Toros*. Imprenta de Santiago Fernandez. Madrid. 1812. Reimpresso em Cádiz. Imp. Patriótica. 1812
- LEIRIS, Michel. *La literatura considerada como una tauromaquia*. Tradução de Ana Maria Moix. Tusquets Editor. Barcelona. 1973.
- LOPEZ MARTINEZ, Antonio Luís. *El Mercado Taurino en los inicios de la tauromaquia moderna*. Universidad de Sevilla. Sevilla. 2013.
- _____. *Ganaderías de Lidia y Ganaderos. História y Economía de los toros de Lidia en España*. Universidad de Sevilla. Sevilla. 2002.
- LUIS, Pepe. *Lisboa das Toiradas*. Livraria popular de Francisco Franco. Lisboa. 1948.
- MARTINEZ-BURGOS GARCIA, P; RODRIGUEZ GONZALES, A. *La fiesta en el mundo Hispanico*. Ediciones de la Universidad de Castilla la Mancha, Cuenca. 2004.
- MILLÁN, Pascual. *La escuela de tauromaquia de Sevilla y el toreo moderno*. Miguel Romero, Impresor. Madrid. 1888.
- MORAL, José Antonio del. *Como ver una corrida de toros. Manual de tauromaquia para nuevos aficionados*. Edit. Alianza. 2003.
- NAVAS, Conde de Las (Juan Gualberto López-Valdemoro de Quesada). *El Espectáculo más Nacional*. Establecimiento tipo-litográfico Sucesores de Rivadeneyra. Madrid. 1899.

NOGUÉS, José Maria. *Equitación. Apuntes bibliográficos*. Imprenta de los Hijos de José Maria Ducazcal. Madrid. 1895.

NOMBELA, Julio. *Pepe-Hillo. Memorias de la España de Pan y Toros*. Tomo I y tomo II. J. Castro y Compañía editores. Imprenta de R. Labajos. Madrid. 1871.

ORTEGA Y GASSET, José. *Sobre la caza, los toros y el toreo*. Alianza Editorial. Madrid. 2007.

_____. *Sobre a caça e os touros*. Edições Cotovia. Tradução de José Bento. Lisboa. 2009.

_____. *Los Toros en la poesía castellana (estudio y antología)*. Tomo I e II. Compañía Ibero-Americana de Publicaciones S. A. Madrid. Barcelona. Buenos Aires. 1931.

_____. *Los toros en la poesía*. Espasa-Calpe. Madrid. 1959.

_____. *Goya*. In *Obras completas*. Editorial Revista do Ocidente. Madrid. 1955.

ORTEGA, Domingo. *El Arte del Toreo y la bravura del toro*. Edit. Quittes. Diputación Provincial de Valencia. Valencia. 1985.

OLIVER, Juan Manuel. *Tauromaquia na cultura ibérica*. Paraula. Florianópolis. 1996.

PIEDRAS ALBAS, Marques de San Juan de (Bernardino de Melgar y Abreu). *Fiestas de Toros. Bosquejo histórico*. Oficina tipográfica de A. Marzo. Madrid. 1927.

_____. *Fiestas de Toros. Bosquejo histórico*. Fundación Real Maestranza de Caballería de Sevilla, Universidad de Sevilla y Fundación de Estudios Taurinos. Sevilla. 2010.

RODRIGUEZ-PONGA Y SALAMANCA, Pedro. *Dicionário Biográfico Español*. Vol. 42. Real Academia de la Historia. Madrid. 2013.

ROMERO DE SOLÍS, Pedro. (Org.) *La Real Escuela de Tauromaquia de Sevilla (1830-1834)*. Edit. Universidade de Sevilla. Fundación Real Maestranza de Caballería de Sevilla. Fundación de Estudios Taurinos. Sevilla. 2005.

_____. *Una luz sobre la época oscura de la tauromaquia. La fiesta de toros en la primera mitad del siglo XVIII*. Pregón taurino. Ayuntamiento y Real Maestranza de Sevilla. Sevilla. 1999.

SANCHEZ DE NEIRA, José. *Los Toreros de Antaño y los de Hogaño*. Edit. Universidade de Sevilha. Fundación Real Maestranza de Caballería de Sevilla. Fundação de Estudos Taurinos. Sevilha. 2014. Edição fac-símile.

_____. *El toreo. Gran Diccionario Taurómico*. Imprenta y Librería de Miguel Guijarro. Dos tomos en un volumen. Madrid. 1879.

_____. *Gran Diccionario Taurómico*. R. Velasco, Impresor. Madrid. 1896.

SANDOVAL, Felipe Ximenez de. *La piel de toro: Cumbres y simas de la historia de España*. Publicaciones españolas. Madrid. 1968.

SANTONJA GOMEZ-AGERO, Gonzalo. *Luces sobre una época oscura (el toreo a pie del siglo XVII)*. Editorial Everest. León. 2010.

_____. *Por los albores del toreo a pie (imágenes y textos de los siglos XII-XVII)*. Edit. Everest. León. 2012.

_____. *La justicia del Rey: Felipe II y el consejo real a favor de los toros*. Edit. Cálamo. 2014.

SAUMADE, Frédéric. *Las Tauromaquias Europeas. La forma y la historia, un enfoque antropológico*. Universidad de Sevilla. Secretariado de publicaciones. Sevilla. 2007.

SHUBERT, Adrian. *A las cinco de la tarde. Una historia social del toreo*. Real Maestranza de Caballería de Ronda y Turner Publicaciones. Madrid. 2002.

SICILIA DE ARENZANA, Francisco. *Las corridas de toros*. Imprenta y litografía de N. González. Madrid. 1878.

TABLANTES, Marques de. Ricardo de Rojas y Solís. *Anales de la Plaza de Toros de Sevilla (1730-1835)*. Edição do autor. Sevilla. 1917.

_____. *Anales de la Plaza de Toros de Sevilla (1730-1835)*. Extramuros Editora. Sevilla. 2008.

TIXERA, José de la. *Las Fiestas de Toros*. Oficina de los hijos de Ducazcal. Luiz Carmena y Millán. Madrid. 1894. (Impressão e publicação deste manuscrito taurino inédito, datado em 1802).

_____. *Carta de la muerte de Pepehillo*. Edição encadernada em couro negro, da Biblioteca Pública Provincial de Ávila, sem nome da editora ou data de publicação. (BDT)

TORO BUIZA, Luís. *Sevilla en la história del Toreo*. Edit. Universidad de Sevilla. Sevilla. 2003.

TORRIONE, Margarita. (Org.) *España festejante: el siglo XVIII*. Edit. CEDMA (Centro de Ediciones de la Diputación de Málaga). Málaga. 2000.

URQUIJO DE FEDERICO, Antonio. *Catálogo de la Biblioteca Taurina de Antonio Urquijo*. Imprenta Arges. Madrid. 1956.

VARGAS PONCE, José. *Disertacion sobre las corridas de toros. Compuesta en 1807 por el capitán de fragata Don José de Vargas Ponce*. Edición ordenada y revisada por Julio F. Guillen y Tato, Archivo Documental Espanhol. Real Academia de la História. Madrid.1961.

VÁZQUEZ, Lourdes Amigo. *A la Plaza! Regocijos taurinos en el Valladolid de los siglos XVII y XVIII*. Universidad de Sevilla. Sevilla. 2011.

ZAPATA, Luis. *Miscelánea: varia história*. Edición preparada, anotada y nuevamente transcrita por Manuel Terrón Albarrán. Badajoz. Institución Pedro de Valencia. Edición fac-símile. 1983.

VELÁZQUEZ Y SANCHEZ, José. *Anales del Toreo*. Fundación Real Maestranza de Caballería de Sevilla. Universidad de Sevilla. Fundación de Estudios Taurinos. 2004.

_____. *Anales del Toreo*. Impresor y Editor Juan Moyano. Sevilla. 1868.